



**QUARTA-FEIRA DE CINZAS
(25/02/2004)**

1ª leitura (Antigo Testamento) – Joel 2.1-2, 12-17 ou Isaías 58.1-12.

A Quarta-feira de Cinzas e a Quaresma que aqui se inicia remete para dois lugares privilegiados para a manifestação de Deus na Bíblia: o deserto e a montanha. Ambos lugares eram na época o que hoje chamaríamos de "periferia" em relação aos grandes Impérios que dominaram o Antigo Oriente. Em geral as nações poderosas floresceram às margens de rios caudalosos como o Nilo (Egito), o Tigres e Eufrates (Assíria, Babilônia e Pérsia) ou à margem do Mar Mediterrâneo como os Fenícios, Gregos e Romanos. A divindade judaico-cristã diferentemente buscará os povos das periferias nos desertos e nas montanhas do interior.

O profeta Joel fala do monte Sião que, mesmo sendo um centro político e religioso de Judá, não era mais que um lugar periférico do grande Império Persa. Nesta época Jerusalém era governada por sacerdotes de acordo com as normas do Império (Ed 1:1-5). Joel aponta para esse pequeno monte de periferia anuncia o "Dia do SENHOR", isto é, o Dia do Julgamento de Deus sobre o seu povo e seus algozes (versículos 1-2). No entanto, o poder de Deus não é de vingança, mas busca o arrependimento e o perdão (v. 12-13). A mudança da sorte deste povo depende da sua disposição de se reunir para pensar o rumo que quer seguir, a vida ou morte? E da mudança de atitude dos sacerdotes governantes que devem "chorar" e lamentar a situação de miséria e desorientação do seu povo e não apenas consentir com o Império de plantão (versículos 14-17).

A outra leitura indicada para este domingo encontram-se em Terceiro Isaías (55-65) que também é da época do Império Persa. Em Is 58:1-12 o deserto é mencionado apenas indiretamente no versículo 11: "*O SENHOR te guiará continuamente, fartará tua alma*" – "nefesh" em hebraico que significa "vida" – *até em lugares áridos (...) serás como um jardim regado e como um manancial cujas águas jamais faltam*". O que transforma o deserto (a periferia da Vida) em fonte de Vida é o compromisso com as pessoas que se encontram na periferia da sociedade: escravos, pessoas oprimidas e subjugadas, pessoas famintas, pessoas sem teto e sem roupas, etc. Essa "mágica" transformadora da "não-vida" em Vida não é outra que a solidariedade com as pessoas da periferia da sociedade e dali brota o poder transformador de Deus.



Ambos textos são uma seria advertência contra o poder sacerdotal do passado e do presente tão preocupado em seguir ritos, dogmas e tradições que esquece de "chorar" junto os que choram pela injustiça, de se comprometer com a libertação e com distribuição da dignidade e de acreditar no poder do milagre que extrapola as paredes dos Templos, que vai além da piedade individual e que invade toda a sociedade. Como entendemos o poder de nossa fé olhando para nossa sociedade e para quem jejuamos? (HMG)

2ª leitura (Epístola) – II Coríntios 5.20b-6.10

Uma das carreiras mais exigentes quanto a sua formação, é, seguramente a carreira de embaixador. Além das exigências de conhecimento de política internacional, também se exige de alguém que almeje ser um bom representante de seu país, acurado conhecimento de diplomacia, de línguas estrangeiras e do direito internacional. A história está repleta de atos heróicos envolvendo diplomatas que, com muito esforço, promoveram a paz e a concórdia. Mas, um dos elementos mais característicos daquele que almeja ser embaixador, é estar disposto a representar sua pátria em terras estranhas. Um embaixador é um representante da cultura e dos valores de uma nação junto a outra, de um país junto a outro.

No texto da epístola de hoje, Paulo está dando continuidade a um discurso sobre a natureza de seu ministério e, nesta perícopes, que vai do verso 1 ao 10, argumenta sobre mais uma das características de seu ministério: ele tinha um ministério aprovado. Desde o texto de 5:20, Paulo se apresenta como "embaixador em nome de Cristo". E agora, no capítulo 6 ele discorre sobre seu ministério, mostrando as características de um ministério aprovado. Com isso em mente, gostaríamos de meditar hoje sobre o seguinte tema: *quando somos embaixadores aprovados*.

Quando somos embaixadores aprovados, do Reino de Deus, somos capazes de reconhecer, em primeiro lugar, que nossa ação neste mundo é de cooperadores com Deus. A palavra que é utilizada no texto grego e traduzida por "cooperador" é *synergontés*. Esta palavra pode ser traduzida por "aquele que trabalha ao lado de outro". Neste caso específico, Paulo está dizendo que estamos trabalhando ao lado de Deus. Como embaixadores, ou representantes do Reino neste mundo, a igreja precisa tomar consciência de que sua missão é compartilhada com a missão de Deus. Isto nos enche de honra e de responsabilidade. Nosso ministério é dar continuidade à obra iniciada por Cristo quando se encarnou e morreu por nós. Por isso a Igreja, assim como Cristo, apregoa a reconciliação. (5:20)



Quando somos embaixadores aprovados, do Reino de Deus, devemos, em segundo lugar, nos resguardar de qualquer “escândalo” (6:3). Paulo considera que seu ministério entre os coríntios foi aprovado porque ele jamais deu razão para qualquer escândalo. Mas o que é “escândalo”? A palavra *escândalo* é usada para designar o gatilho de uma armadilha usada para aprisionar pássaros. Mas ela pode ser muito bem representada como uma “pedra de tropeço”, ou seja, um impedimento para que as pessoas acreditem em Cristo. Infelizmente a Igreja de Jesus tem se esquecido deste elemento primordial de um bom embaixador. Muitas vezes, por causa de nossas divisões, temos sido motivo de escândalo entre as pessoas. Muitos não vão a Jesus em função do mal testemunho que a Igreja tem dado na busca dos mesmos interesses que esta sociedade. Temos que ter em mente que estamos aqui representando o Reino e seus valores, e por causa disso, não poderemos nos deixar envolver com os valores deste mundo, nem nos deixar encantar pelas obsessões deste anti-reino.

Finalmente, quando somos embaixadores aprovados, do Reino de Deus, devemos ser capazes de assumir que somos sinal de contradição na sociedade. (6:8-10) A experiência missionária de Paulo não foi marcada apenas pela vitória e pela prosperidade, como muitos fazem crer ser exigência para a Igreja hoje. O ministério de Paulo é, ao invés, marcado pelo sofrimento físico e também pela constante graça espiritual. Paulo não vê seu ministério de forma triunfalista e pleno de vitórias, mas de forma realista e cheio de lutas. Há ofensas, há desonra, há infâmia, mas também há honra, há reconhecimento, há boa fama, há vitória. Assim como o ministério paulino, a Igreja deve reconhecer sua realidade ambígua, sendo santa e pecadora, estando no mundo, mas sem pertencer a ele. Não devemos nos assustar, quando, no exercício de nossa ação de embaixadores somos injuriados e perseguidos porque estes são sinais de que estamos agindo da forma certa.

A Escritura, ao descrever a Igreja neste mundo, a chama de “peregrina”. Ser peregrino (para-oikos) é está em uma outra casa que não é a nossa. É compreender que não temos que nos envolver com os valores do lugar no qual fomos enviados para testemunhar. Nossa ação deve ser pautada, se é que queremos ser embaixadores aprovados, como cooperadores de Deus, que se resguardam do escândalo, mas que compreendem a situação de contradição na qual vivemos. (JLFA)



Santo Evangelho – Lucas 18.9-14.

A parábola do fariseu e do publicano - esta "comparação" está intimamente relacionada com a anterior (A viúva e o juiz - v. 1-8) e o conteúdo de seus ensinamentos são complementares e de profunda importância e significado para a espiritualidade da Quaresma. É muito oportuno começar esta quadra litúrgica compreendendo e praticando o ensinamento de Jesus através destas parábolas:

A viúva e o juiz

ensina a perseverança
ênfatisa o renovação do ânimo
demonstra esperança na justiça

O fariseu e o publicano

enaltece a postura de humildade
mostra a percepção de Deus
a justificação é graça de Deus.

Como acontece repetidas vezes, mais uma vez Jesus conta uma parábola a partir da observação de um fato do cotidiano e aproveita a oportunidade para aprofundar seu significado e transmitir novo ensinamento. O objetivo desta vez era alertar aqueles que confiavam na sua própria justiça e desprezavam os outros (v. 9). Aqui Jesus aproveita para corrigir dois equívocos que as pessoas seguidamente cometem: 1) confiar demasiadamente nas suas próprias forças e no seu jeito de conduzir as tarefas que lhe são confiadas, e 2) descartar qualquer auxílio, além de demonstrar desprezo pelas outras pessoas.

Dois tipos de conduta

1) A conduta auto-suficiente: através da descrição da postura e das palavras do fariseu (membro de um rigoroso partido que observava a Lei e os costumes da tradição religiosa judaica), percebe-se a crítica de Jesus à conduta da pessoa que descarta tudo, até o ponto de dispensar o próprio Deus, pois é capaz de auto-salvar-se. Isto é, confia tanto e tão profundamente na sua capacidade que todo o resto é supérfluo e dispensável. Além disso, há uma grave e grande contradição entre a "teoria e a prática" do fariseu, ou seja, a oração ao invés de aproximá-lo e compungir-lo para um verdadeiro relacionamento de dependência, intimidade e amor para com Deus e com o próximo, o torna egoísta, orgulhoso e pecador (justamente o que ele achava que não era e não pretendia ser). O fariseu não demonstra qualquer reconhecimento de seus pecados nem de ter necessidade da salvação gratuita que Deus oferece a todo o penitente pecador. Logo, isto não é oração, e sim



declaração de soberba e de auto-suficiência, pois ao invés de louvar a Deus ele louva-se de seus gestos e gaba-se de sua conduta ilibada.

Igualmente a sua religiosidade era só da “boca para fora” (só uma casca), ou seja, era só para aparecer e mostrar-se aos outros. Entretanto, e ao mesmo tempo, esta atitude revelava seu pseudo-comportamento moral (dizendo que não era ladrão, nem injusto, nem adúltero, cf. v. 11) e sua atitude hipócrita (dizendo que cumpria os deveres religiosos de jejuar e dar o dízimo, cf. v.12). Logo, isto não é religião, e sim mero cumprimento de ritos e supersticiosa credence.

2) A conduta totalmente dependente: a oração do publicano já começa com a sua postura: (a) não se atreve sequer a levantar os olhos (sinal de humildade e reverência) e, (b) põe-se a bater no peito (sinal de reconhecimento de culpa e contrição), gestos próprios de um “espírito humilde”, como atesta o salmo 51,17. Ao confessar-se pecador ele reconhece a sua total dependência de Deus e, por isso mesmo clama por Seu perdão e Sua misericórdia. Esta pessoa está consciente de que não tem nada para gabar-se e nem para se autojustificar, e pode confessar conosco “nada há em nós que esteja são” (LOC pág. 28), pois a santidade emana e repousa absoluta somente em Deus. Portanto, por mais que a sua vida e os seus gestos fossem corretos (e provavelmente o eram), ele consegue perceber que não alcançará a Salvação sem a “ponte” que Deus construiu para nos *religar* (papel da religião) com Ele através de Jesus Cristo. Claro está que, quem deseja salvar-se deve, além de reconhecer-se pecador e dependente da Graça, deve aceitar o convite de Jesus e dispor-se a segui-lo e a imitá-lo por toda a vida em “fidelidade até a vitória” (Hino 247).

Tudo isso justifica o gesto de humildade e de reconhecimento da soberania divina em sua vida, tornando sua oração uma verdadeira louvação e um sincero pedido de arrependimento cuja “vida nova” (palavras e atitudes) expressará a sua total dependência de Deus.

A “moral da história”: ao final da comparação Jesus dá o veredito entre as duas atitudes: “quem se humilha será exaltado e quem se exalta será humilhado” (v. 14). Na Teologia Cristã, a salvação não está nos méritos próprios ou nas boas ações que os cristãos praticam (por mais necessárias e/ou grandiosas que estas sejam), mas sim na justificação com que o próprio Deus nos alcança a partir de Sua Graça inefável, infalível, inesgotável e imerecida, pois “todos somos pecadores e carecemos da glória de Deus” (Rm 3,23-26).

Isso não quer dizer que as nossas boas ações sejam dispensáveis ou irrelevantes, ao contrário, é através delas que exercemos a *diaconia*, ou seja,



explicitamos a fé (Tg 2,1-14) e anunciamos ao mundo a Salvação que Deus, encarnado em Jesus Cristo, nos trouxe amo-rosa e gratuitamente. É através deste "gesto que se faz gente" (encarnação) que Deus nos capacita a repartir e nos ordena a repetir, com igual gratuidade e amor incondicional, a solidariedade única e inequívoca de Jesus, demonstrada na cruz, para salvar todas as pessoas e cuidar de toda a Criação de Deus.

Desafio quaresmal: dentro das possibilidades e da disposição de cada pessoa e/ou família (dadas suas condições físicas, financeiros, emocionais, etc), fazer:

- **jejum:** no sentido de "esvaziar-se de si mesmo para encher-se de Deus", aproveitando o alimento não ingerido para fazer de doação a pessoas necessitadas;

- **abstinência:** aproveitar a economia obtida com a abstenção e/ou não consumo de alguma coisa (cigarro, bebida, passeio, vestuário, celular, etc) para fazer uma doação a pessoas carentes, enfermas e/ou com necessidades especiais, etc (eletrodoméstico, cadeira de roda, tratamento dentário, medicamentos, etc);

- **oração:** tomar capricho e reservar DIARIAMENTE (durante a quaresma) um momento para oração pessoal, conjugal, familiar ou comunitária. (RH)

Apêndice litúrgico

Liturgia de Bênção com Cinzas

Esta liturgia nos relembra alguns importantes acontecimentos no contexto da Teologia da Criação, tais como:

- que somos criaturas de Deus criados à Sua imagem e semelhança (Gn 1,6);

- que fomos formados do mesmo elemento do pó da terra (Gn 2,7);

- que a materialidade retorna ao ciclo natural da criação: "terra à terra, cinza à cinza, pó ao pó"(LOC pág. 206);

- que a finitude da vida humana começa e termina em Deus, pois "quer vivamos quer morramos, somos do Senhor"(LOC pág. 194; Rm 14,8);

- que o "sopro vital" (em hebraico: *ruah*) que recebemos de Deus volta para Deus: "Sim, diz o Espírito, pois descansam dos seus trabalhos!" (LOC pág. 194; Ap 14,13).



Igualmente a Bíblia nos relata vários momentos em que os dirigentes e/ou o povo “vestiam-se com panos de sacos e cobriam-se com cinzas” a fim de demonstrar seu arrependimento e emenda de vida, por exemplo: Es 4,1-3; Jr 6,26-30; Dn 9,3-19; Jn 3,6-10; Lc 10,-16, etc.

Até algum tempo atrás, durante a quaresma alguns costumes eram observados: não assobiar, abster-se de fumar ou beber, não escutar rádio ou assistir TV, não cantarolar, etc, e a Igreja também recomendava jejum e abstinência. Entretanto, não esqueçamos que esta prática pode (e deve) acontecer no contexto da profecia de Isaías 58 retomada por Jesus ao expressar: “misericórdia quero e não sacrifícios!”.

A partir destes elementos bíblico-teológicos, a liturgia pode ser preparada com:

- **cinzas:** preferencialmente aquelas que resultam da queima das palmas da procissão de Ramos (utilizadas na Semana Santa do ano anterior);

- **tema:** que pode ser um hino do próprio Hinário Episcopal (ex: 45-Solidão deserta) ou do Laudate (ex: 63-Vaso Novo; 129-Que estou fazendo?) ou outro da canção popular; ou ainda um salmo do LOC (ex:- 51; 55; 56; 57; 62; 69, etc);

- **círio:** esta vela representa o FOGO NOVO que a ressurreição de Jesus reascende e que a chama do Espírito Santo mantém flamejante. Em algumas paróquias costuma-se apagar a vela do círio neste dia e reascendê-la somente no Domingo da Páscoa; outras costumam acendê-la (durante a quaresma) somente aos domingos, pois este é o dia da lembrança semanal da ressurreição;

- **bênção:** este gesto simbólico de bênção pode ser feito aspergindo um pouco de cinzas sobre a cabeça da pessoa ou fazendo o sinal da cruz na testa (ou as duas coisas), dizendo: “lembra-te que és pó e ao pó voltarás!” (Gn 3,19). (RH)